

**DISCURSO DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, MÁRIO SANTIAGO,
COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL**



Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhoras e Senhores Deputados Municipais,
Senhora Presidente da Junta de Freguesia e Senhor Presidente da Assembleia de Freguesia,
Senhora e Senhores Vereadores,
Distintos Convidados,
Orgãos da Comunicação Social,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Ao contrário de muitos dos eleitos desta Assembleia Municipal, não tenho quaisquer memórias da célebre madrugada de 25 de Abril de 1974. Tinha acabado de celebrar o meu 4º aniversário nesse mesmo mês e se me considero duplamente um filho de Abril, não é condição minimamente suficiente para na primeira pessoa sequer imaginar os momentos difíceis que o povo português viveu durante meio século de ditadura.

Lembro-me, no entanto, do vigor das comemorações que ocorreram nos anos seguintes em que os alpiarcenses demonstravam de forma tão efusiva a alegria que sentiram por finalmente se libertarem do jugo opressor do fascismo, e em que finalmente podiam exprimir sem qualquer receio, os seus anseios, as suas opiniões, as suas ideologias, ou simplesmente o seu descontentamento.

Lembro-me também muito bem, como os ideais da democracia e liberdade foram-me transmitidos pelos meus pais e avós, sem a qual dificilmente perceberia o significado do período que antecedeu a revolução dos cravos, e a eles e a vós devo, estar aqui e nesta condição de Presidente da Assembleia Municipal, para comemorarmos mais um aniversário do 25 de Abril.

A conquista da liberdade teve no entanto um preço elevado, traduzido pelo elevado número de prisões, pela tortura de muitos alpiarcenses, pela perseguição das famílias dos resistentes e opositores do regime, pela fome, pela doença, e em muitos casos pela própria morte.

Ninguém hoje, poderá afirmar, a não ser que desconheça a história recente, que tudo aquilo que o povo português sofreu em meio século de ditadura, nos elevou em dignidade humana, no respeito pelo seu semelhante, ou que engrandeceu a nossa civilização.

A subversão dos princípios democráticos é no entanto uma triste e recorrente realidade, consequência das políticas desastrosas encetadas por políticos que se vendem a uma lógica corporativista, aos grandes interesses do capital financeiro, às políticas de um sistema monetário internacional perverso em que a riqueza na sua expressão literal supera a riqueza dos princípios que deverão caracterizar a humanidade.

Quando os eleitores são recorrentemente defraudados por aqueles em quem confiaram o seu voto, porque os políticos os atraíam com políticas que atentam contra um Estado Social e às conquistas de Abril, traindo inclusive e tantas vezes os seus próprios programas eleitorais, sentem a legitimidade de questionar se as lutas pela liberdade fizeram algum sentido.

Esta tem sido uma mensagem oportunamente intensificada por aqueles que têm interesse na nossa subjugação, na redução dos direitos laborais, na desprotecção do emprego, no cada vez mais difícil acesso a serviços básicos de saúde, na criação de serviços educacionais baseados em números e dados estatísticos que apenas servem para estupidificar e distrair todo um Povo, e usando para isso os principais meios de comunicação social que numa lógica de economia de mercado prestam vassalagem aqueles que lhes proporcionam os maiores lucros.

Não é difícil constatar tal facto, quando as lutas sociais, as greves, manifestações, e outros sintomas de um povo descontente é arredado para segundo plano nos noticiários, dando mais importância a acontecimentos do chamado jet-set, ao futebol, ou qualquer outra coisa que distraia a população do que realmente está a acontecer e que poderá, como há 37 anos atrás, desencadear um novo movimento de contestação imparável e que comprometa os interesses instalados na sociedade portuguesa que através de políticos desonestos, corruptos, mas em quem a justiça portuguesa pouco ou nada incomoda, e se servem a seu bel-prazer e de forma descarada dos impostos que todos nós pagamos.

Se a impunidade dos prevaricadores do actual regime cria no Povo um sentimento de revolta, minando cada vez mais a credibilidade dos políticos, também é verdade que os políticos pouco têm feito para devolver a confiança no regime democrático, e que à custa disso fazem renascer perigosos sentimentos extremistas.

Basta olharmos para a viragem à direita que tem acontecido na Europa, designadamente na Finlândia e no impacto dessa viragem nos países que agora necessitam da compreensão e ajuda dos restantes parceiros europeus.

Quando um Governo nos tenta convencer que flexibilizar os despedimentos é o caminho para a salvação de um país, ao invés de criar políticas que criem, isso sim, o emprego sustentável, algo vai mal, e só pela distração, através de contadores de histórias, conseguem perpetuar o poder e vão alternando entre si as mesmas políticas com siglas partidárias que também pouco diferem entre si.

Não sou da opinião que devemos diabolizar as instituições, nomeadamente o F.M.I. que agora foi chamado a intervir porque quem esteve no Poder, enganou o Povo durante mais de 2 décadas com políticas que só serviram para destruir o tecido produtivo do país, subsidiando a agricultura e pescas com medidas puramente paliativas até à destruição total do único garante da capacidade de auto-sustentação de um povo. A vinda do F.M.I., é assim oportuna para que estes mesmos partidos mantenham a sua base eleitoral, porque assim, até as consequências das medidas de austeridade podem ser imputadas a essas organizações, e assim garantindo a hipocrisia da inocência de quem acelerou o ritmo com que nos encaminhávamos para o abismo.

Foram as políticas destes sucessivos governos que nos colocaram na condição absurda de numa situação hipotética de greve dos camionistas espanhóis ou nos trabalhadores portuários,

Portugal face à dependência que actualmente tem do exterior, ficar sem reservas alimentares capazes de alimentar os seus próprios cidadãos.

Esta é a herança que recebemos da nova geração de políticos, que ao falso abrigo da bandeira da revolução e que alternadamente têm partilhado o poder sempre numa lógica de agradar aos interesses estrangeiros associados aos grandes interesses económicos neo-liberais, nos tem encaminhado para um beco sem saída, e que agora ameaça as novas gerações que também eles estão agora encurralados entre um diploma universitário sem valor e a suspensão involuntária do seu projecto de vida.

Vivemos os primórdios de um retrocesso civilizacional. Hoje assistimos a uma contra-revolução, sob a mão daqueles que teoricamente nos deveriam ter defendido como nação, e ao invés disso, nos venderam numa lógica de vassalagem económica e subsidiária.

Este cenário cinzento que se abate sobre o país, e que nos faz lembrar a madrugada fria do 24 de Abril impõe uma atitude de ruptura e mudança. Uma atitude de combate e alteração do paradigma político, uma atitude que contrarie a resignação que todos os dias nos vendem na TV, uma atitude que permita dar um murro na mesa e apontar o país no sentido de não capitular aos "agiotas" da especulação financeira, no sentido de recuperar a sua capacidade produtiva e reduzir a dependência do exterior, no sentido do reforço dos direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores e do povo, como forma única de inverter a situação difícil com que nos defrontamos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O povo alpiarcense revelou desde os últimos anos da Monarquia até Abril de 1974 grande ímpeto lutador em prol de mudanças políticas, pela Liberdade e a Democracia.

A Mulher não só esteve presente nas muitas lutas desenvolvidas, como marcou tantas e tantas vezes a dianteira ou a direcção das mesmas.

Em quase todas as lutas e movimentações populares a sua presença dinâmica foi uma realidade.

E foram muitas as lutas. Por melhores condições de trabalho, por reivindicações salariais e/ou de carácter eminentemente político.

Quer fosse nas praças de jornas ou fosse nos ranchos agrícolas, quer fosse em manifestações (de regozijo pela vitória dos Aliados sobre o Nazismo ou contra a burla eleitoral que esbulhou a vitória ao General Humberto Delgado), fosse ainda em horas de luto e de raiva (como aquando dos funerais de Alfredo Lima e de Maria Albertina Sabino), em manifestações comemorativas de efemérides, como o Dia da Mulher, o 1º Maio ou o 5 de Outubro ou ainda em autênticos levantamentos populares contra vagas de prisões, contra a fome e o racionamento ou pelo emprego, as Mulheres ouviam-se, estavam na primeira linha do combate.

Pelo papel relevante que muitas mulheres deste concelho tiveram na luta por uma sociedade mais justa, quer estivessem organizadas em Comissões de Praça, de Rancho, em organização partidária, quer em colectividades, em movimentos cívicos ou simplesmente de forma isolada mas solidária com os mais destacados lutadores contra o fascismo, conscientes dos graves riscos que podiam causar-lhes as suas acções (para a sua liberdade e integridade física e também dos seus parentes mais próximos), a Assembleia Municipal de Alpiarça, convicta que exprime a vontade da maioria da população alpiarcense, decidiu este ano homenagear mulheres - porque elas têm rosto – e se destacaram nessas lutas.

Joaquina Farinha Relvas

Adelaide Santiago Fidalgo

Maria Manuela Costa Almeida

Adelina Arranzeiro Calarrão

Joaquina Conceição Cavaca

Simbolizaram a luta das muitas mulheres alpiarcenses na defesa dos ideais da Liberdade e Democracia. Quatro delas, faleceram sem o reconhecimento público, embora simbólico, da atribuição da Medalha da Liberdade.

Se hoje aqui estamos sem rezear uma carga policial, é porque homens e mulheres se sacrificaram pelos ideais da democracia. E é precisamente hoje que homenagearemos 5 dessas mulheres alpiarcenses que marcaram uma época negra da história de Portugal, lutando, confortando, apoiando e acolhendo aqueles e aquelas que abnegadamente construíram os pressupostos para que a revolução acontecesse e nos devolvesse os mais básicos direitos de cidadania.

Senhoras e Senhores Deputados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A Assembleia Municipal, através da proposta de uma das Bancadas, aprovou a atribuição deste símbolo a estas 5 mulheres alpiarcenses.

A elas deveremos prestar as devidas homenagens e impedir que a sua luta pela nossa Liberdade caia no esquecimento.

Que a luta destas mulheres, e os símbolos que hoje lhes são atribuídos, também ajude a perpetuar a resistência, o não conformismo, e nos devolva o caminho para o país que foi imaginado por aqueles que saíram em direcção a Lisboa na madrugada do 25 de Abril, mas que levavam consigo o desejo de todo um povo.

VIVA o 25 DE ABRIL

VIVA ALPIARÇA

VIVA a LIBERDADE

-----***-----

Alpiarça, 24 de Abril de 2011